

JAMPA_Parte 2

Em Jampa, nos hospedamos no bairro de Manaíra, lugar tranquilo e próximo ao tradicional Restaurante Mangai, um excelente local para apreciar a culinária regional com preços civilizados. Caminhamos bastante a pé, embora as calçadas sejam francanas, com a diferença da interessante exigência legal de ter uma escultura nas edificações de esquina. Enfrentando a tempos um problema na coluna, viajei com um pouco de dor. Foi só começar a andar com os pés na areia e ondas do mar que sarei, nenhum ortopedista explica isso. Dessa vez, preferimos fugir das férias escolares e das confusões aéreas em Viracopos, viajamos no início de agosto e achamos um voo direto Uberlândia-Jampa. O novo edifício para embarque/desembarque de passageiros do aeroporto da cidade mineira ficou pronto há pouco tempo, muito bom, tranquilo, a viagem de Franca até lá é em sua maior parte em pista dupla.

Praia pela manhã, no período da tarde fomos várias vezes ao centro velho para conhecer melhor. Jampa é uma cidade bastante antiga. Fundada pelos portugueses em 1585 como Cidade Real de Nossa Senhora das Neves, virou Frederistadt quando foi conquistada pelos holandeses, depois Cidade da Paraíba e João Pessoa em 1930, logo após o episódio de assassinato desse político aliado de Getúlio Vargas, estopim na Revolução que acabou com a República Velha. Essa longa história da cidade legou um patrimônio histórico que deve ser percorrido a pé. Começamos pelo maravilhoso Centro Cultural do Convento de São Francisco, da outra vez só vimos por fora, nessa andamos por todos os seus espaços. Há várias exposições no local, além de uma rica e imponente arquitetura colonial.

Próximo ao convento está a Casa da Pólvora, que tem uma bela vista para o Rio Sanhauá e suas margens que abrigam o antigo porto da cidade até ser substituído pelo de Cabedelo. Também estão por ali o famoso Hotel Globo, hoje um centro cultural, a Praça Antenor Navarro e seu belíssimo conjunto e casario eclético. Ao lado do Globo, de onde também se vê uma paisagem inesquecível, passa um surpreendente e moderno VLT que usa os trilhos da antiga ferrovia, um passeio com 30 km de extensão que liga municípios da região metropolitana, de Santa Rita até Cabedelo. Ao mesmo tempo que há construções restauradas, há muita coisa ainda por fazer, construções abandonadas e mesmo em ruínas, tudo bem Brasil em relação a preservação do patrimônio histórico. Seguindo o chamado de “Caminho da Fé”, que liga várias igrejas do centro antigo, conhecemos a Catedral e um pouco mais distante a Igreja de N. S. do Carmo. Houve tempo para adentrar o magnífico Teatro Santa Roza, ciceroneados pelo professor francano da UFPB Rafael Faleiros de Pádua, que ainda nos proporcionou uma excursão pela cidade e uma pizza noturna com sua família.

Outra incursão interessante ao Museu da Cidade instalado na antiga moradia de João Pessoa, um palacete totalmente restaurado e ver ao lado o Museu de Artesanato Janete Costa (fechado para reforma), bem como a grande praça onde estão também outras edificações imponentes da elite local dos primeiros decênios do século XX. Dali, seguimos a pé até a Praça Solón Lucena com seu grande lago e uma escultura que homenageia Ariano Suassuna, nascido na cidade. Havia dezenas de trabalhadores preparando a festa de comemoração do aniversário de 441 anos da cidade, ia rolar uma grande festa popular com shows musicais. No caminho, dezenas de magníficas construções ecléticas, as casas da elite da cidade no passado, muitas adaptadas a outros usos e outras em más condições, assim como as calçadas, algumas difíceis de caminhar. Outra grande praça bem interessante é a Vidal de Negreiros, onde um prédio enorme aguarda restauração, o “Paraíba Palace Hotel”, uma versão paraibana em art-déco do Quarteirão Paulista da Praça XV em Ribeirão Preto. Pertinho dali, fomos conhecer o Museu da Paraíba, antigo palácio do governo defronte uma espécie de Praça dos 3 Poderes, restauração de tirar o chapéu com mobiliário de época e um tratamento impecável dos detalhes. Como nas demais grandes cidades brasileiras, há muito patrimônio

abandonado ou descuidado, a quantidade de obras art-déco na cidade impressiona, assim como a divisão da cidade em zonas muito específicas: a orla e o centro velho para os turistas, o centro atual para o povo das periferias pobres, as novas centralidades para a emergente classe média e ricos, como os espigões de 40, 50 andares que pululam por todas as partes mas concentram os mais luxuosos no que chamam “Planalto”, uma parte alta na região do Cabo Branco, onde fomos no Restô Sky, no 44º andar, além de visitar o mirante no 48º com uma paisagem de tirar o fôlego. Pensei que o almoço seria roubada, que nada, preços acessíveis e uma vista que por si valeria a viagem. Como diria um certo colunista francano, “recomendo” a visita à capital dos paraibanos.

Mauro Ferreira é arquiteto